

FIOS E TESSITURAS DAS CONGREGAÇÕES FEMININAS LATINO-AMERICANAS

(Comentário sobre os escritos)

Brenda Carranza

Pontifícia Universidade Católica de Campinas / PUC-Campinas

Laboratório de Antropologia Religiosa / UNICAMP

Celebrando o desenrolar da vida cotidiana, no passo do tempo que não deixa lastro, lemos a inspiração de uma mulher para outras mulheres:

No fio da respiração
rola a minha vida monótona,
rola o peso do meu coração.
Tu não vês o jogo perdendo-se
como as palavras de uma canção.
Passas longe, entre nuvens rápidas,
com tantas estrelas na mão...
– Para que serve o fio trêmulo
em que rola o meu coração?
(Cecília Meireles, 1901-1964)

Por séculos a vida religiosa das mulheres consagradas na Igreja católica é estruturante da vida social, do Estado e da própria Igreja, ainda que essa longa história se emoldure numa situação de esquecimento e silêncio, subordinação e resistência. Vidas femininas alinhavam-se nos fios de dados estatísticos, histórias de vida, estudos de casos, contabilizando a dimensão de tantos sonhos, histórias e canções escondidas nas cifras e nas palavras. São vidas de mulheres cuja característica parece *passar entre nuvens rápidas*, que se vem, mas que como estrelas na areia não deixam marcas de suas memórias, de seus árduos trabalhos, tidos como virtuosos por seu silêncio, discrição e invisibilidade, quer sejam queridos quer sejam impostos. Como *jogos e palavras de canções* perdendo-se. Porém, são histórias femininas fundamentais aos pódios e aos porões sociais e eclesiais. Presenças sem as quais dificilmente as bases socioreligiosas seriam irrigadas com a vitalidade de obras educativas, projetos sanitários (convencionais e terapêuticos), atividades de assistência social, apoio a organizações reivindicativas de direitos sociais e do meio ambiente, atenção aos migrantes e

vítimas de violência doméstica (Suárez, 2020 [a], Lecaros, 2017; Patiño, 2017; Arduini e Bittencourt, 2017; Denuncio, 2019). Presença religiosa consagrada, lá onde as obrigações de proteção social do Estado e os esforços do clero não chegaram ainda hoje, efetivando uma cobertura plurifuncional da vida religiosa latino-americana, nos termos de Bidigain (2014, p. 17).

Cecília Meireles (1901-1964), uma das maiores poetisas brasileiras, pergunta: *para que serve o fio trêmulo em que rola meu coração?* Podemos imaginar que essa pergunta vital subjaz nas análises dos textos: *El estudio de las congregaciones religiosas femeninas en Argentina: avances, desafíos y balance* de Ana Lourdes Suárez; *Panorama de la vida consagrada en México: apuntes sobre su configuración contemporánea* de Maria Eugenia Patiño; *La paradoja de las religiosas peruanas: invisibles y sin embargo imprescindibles* de Veronique Lecaros; e, finalmente, o texto de Guilherme Ramalho Arduini e Agueda Bittencourt: *Os Institutos femininos de vida consagrada no Brasil: análises de dados estatísticos e algumas reflexões*. Em seu conjunto as abordagens sinalizam para a compreensão dos fios temáticos que compõem a trama do enraizamento, apogeu e declínio das congregações femininas. Congregações que chegam a terras latino-americanas ora acompanhando os fluxos migratórios europeus, por perseguições anticlericais e a impossibilidade de sobrevivência sem trabalho, ora mirando o Continente como alvo de missões estrangeiras. Somam-se a esse torrente aquelas congregações nativas que florescem na região (Suárez, 2020 [a], Arduini, 2017, pp. 12-16; González, 2014, pp. 117-123).

Os dados compilados nesses estudos científicos percorrem o *fio da respiração do coração* na vida das congregações femininas argentinas, mexicanas, peruanas e brasileiras, sendo uma amostra que possibilita capturar algumas constantes analíticas estendidas para Latino-américa. Suárez, Patiño, Lecaros e Arduini e Bittencourt analisam os esforços que essas mulheres fizeram para responder ao carisma de suas instituições, deslocando-se nas mais diversas geografias sociais e eclesiais, empenhadas na missão por elas descoberta, conforme percebiam as necessidades locais, ou na missão encomendada pela Igreja, Estado e/ou as elites do momento. Ao mesmo tempo, tanto Suárez como Arduini e Bittencourt assinalam como a própria interpretação do carisma institucional se ressignifica nessa interação evangelizadora.

Em cada texto é possível perceber como se entrecruzam as histórias coletivas daquelas consagradas à pobreza, castidade e obediência que, após períodos históricos dedicadas a obras, próprias ou por elas gerenciadas, educativas, sanitárias, assistências, catequéticas encontraram outra razão de ser no pós-Vaticano II. Porém, o contexto de mudanças sociais,

demográficas e culturais da segunda metade do século XX, impactam à Igreja e a esses coletivos de religiosas (González, 2014, p. 119). Embora não seja objeto dos textos, algumas das suas análises têm como pano de fundo um certo contexto que sustenta a argumentação de que determinados fatores fizeram com que certas comunidades religiosas entrem em crise, logo em franco declínio (Suárez, 2020 [b]).

Muitas congregações femininas, nels grupos e pessoas, realizaram nos idos anos 70-90 processos de inserção social que privilegiaram os setores sociais mais vulneráveis, ora nas periferias urbanas ora nas áreas rurais. Opções realizadas na emergência de efervescentes teologias liberadoras e feministas, com suas propostas de práxis social e sustento espiritual que permearam o fazer cotidiano dessas mulheres (Denuncio, 2019, p. 98). Devotadas à missão religiosa da almejada transformação social, em nome da fé, possivelmente essas religiosas vivenciaram suas opções, conscientes ou não, num registro tríplice. Por um lado, promovendo mecanismos coletivos que alterassem as estruturas sociais, por outro lado questionando as estruturas eclesiais e institucionais das próprias congregações, ainda descobrindo-se como mulheres consagradas que também experimentavam as mesmas opressões por elas denunciadas (Tamez, 1986, pp. 170-183; Gebara, 2000).

As consequências dessas opções compõem um mosaico de realidades, para algumas congregações com matizes revitalizantes na renovação de seus carismas institucionais, transcendendo os espaços domésticos para a esfera pública. Para outras, as escolhas, em regimes de ditadura, representaram sofrimentos duradouros (Cubas, 2015, p. 140). O envolvimento político nas organizações comunitárias, epicentros de reivindicação de direitos sociais, supôs para determinadas congregações o dilaceramento, observando-se rupturas ideológicas e a saída maciça das fileiras institucionais de suas religiosas (Denuncio, 2019, pp. 97-99; Nunes-Rosado, 1997; Bassini, 1997). Nesse sentido, no seu texto Suarez mostra como esse passado se reflete também num presente que aponta para o declínio das congregações, desafiando ao mesmo tempo a ressignificação da própria memória coletiva.

A tessitura histórica, de expansão territorial e da transformação carismática e estrutural das congregações religiosas femininas, dos textos comentados a seguir responde a três momentos. Apresentam-se alguns dos fios condutores que tecem as convergências de categorias analíticas, do legado da teoria social, mobilizadas entre os autores. Logo, como requintes de uma tecelagem, é possível identificar as novidades que os textos trazem na discussão de um campo teórico em construção. Finalmente, são sugeridos fios especiais que acenam para futuras tramas de pesquisa.

ENTRELAÇANDO FIOS: CONVERGÊNCIAS ANALÍTICAS

Das temáticas em que convergem os textos podemos destacar: a dificuldade de coletar dados, a dinâmica interna do declínio das congregações e as questões de gênero e seus desdobramentos.

Sobre o primeiro ponto, os quatro autores coincidem ao sinalizar que uma das grandes dificuldades está na *coleta de dados* para realizar pesquisas quantitativas como é o caso de Suárez que se propôs a fazer um cuidadoso levantamento estatístico da origem, configuração e estado atual das congregações na Argentina. No Brasil, Arduini e Bittencourt dão notícias do projeto de pesquisa que realizou a construção de uma plataforma de dados disponibilizada on-line. Alguns dos obstáculos encontrados nessa empreitada são a inconsistência dos dados registrados nos anuários pontifícios, nos registros das dioceses e das próprias congregações e a dificuldade de fazer cotejos com os dados publicados em páginas webs.

Patiño e Lecaros consideram que a falta de sistematização dos dados nas dioceses se deve em parte a uma questão de discriminação de gênero, pois há mais dados de congregações masculinas do que femininas. Dado corroborado na literatura especializada, sobre mosteiros carmelitas femininos, em São Paulo/Brasil, indicando que quando procurados dados sobre os mosteiros femininos na Web só encontravam dos mosteiros masculinos (Garcia e Rosado 2014, p. 94). Do mesmo modo que nos mosteiros, Suárez e Arduini e Bittencourt coincidem em uma concentração da documentação das congregações em Roma. Em Lecaros essa ausência de dados denota a persistente invisibilidade do trabalho feminino, quer que seja pelo fator discricional das religiosas quer seja porque elas não registram de forma profissional o trabalho realizado no campo social. Assim, muitos projetos são promovidos com esforços pessoais na procura de recursos e donativos, os famosos “proyectitos”, tendo dificuldade no assentamento e continuidade dos mesmos.

A segunda convergência está nas razões pelas quais se dá o *declínio na vida religiosa feminina* e sua subsequente falta de vocações. Fundamentalmente as autoras e o autor coincidem em que o marco zero da curva de declínio está nos anos 60. Suárez observa que a curva negativa é maior nas congregações femininas, do que nas masculinas. Segundo a autora as razões desse descenso, em geral, encontram-se no impacto que tiveram as mudanças culturais desses anos, o que provocou um maior distanciamento do ideário de vida consagrada que vai na contramão dessas mudanças. Nessa direção, um estudo sobre os processos vocacionais na vida consagrada no Brasil, especifica que a mudança se dá na subjetividade, provocada pelos novos estilos de vida (Fernandes, 2014, p. 137). Outra análise,

acerca da concepção de consagração nas novas comunidades carismáticas, pontua que a autonomia do sujeito moderno diante de uma sociedade de consumo representa uma inflexão na compreensão do celibato moderno (Carranza, 2015, p. 61).

Todavia, Patiño alerta sobre o esforço que as próprias congregações femininas fazem para acompanhar as exigências do papel social exigido à mulher contemporânea, o que tem suposto maior investimento na formação profissional. Lecaros coincide e acrescenta que, apesar desses grandes esforços pouco tem ajudado para o aumento do quadro vocacional. Na mesma trilha, num outro escrito Arduini traça um quadro histórico, onde a inserção das congregações femininas acompanha o processo civilizatório dos países latino-americanos, como por exemplo, na educação das elites (Arduini, 2017, p. 63). Não obstante, a medida que avança a laicização na Região, as congregações serão deslocadas do campo social, assumido por novas ofertas mais competitivas na área educativa, o que para Patiño acarreta na perda de prestígio e atração vocacional. Lecaros acrescenta o envelhecimento alarmante das comunidades religiosas que desalenta a aproximação de jovens candidatas, além da diminuição de missões externas e apoio financeiro. Tudo isso, pode ter como pano de fundo a crise da modernidade religiosa que, nos termos de Hervieu-Léger, a transmissão de valores herdados fica comprometida pela infindável oferta de sentidos que a sociedade globalizada oportuniza as novas gerações, gerando um estranhamento com o ideário religioso (2008, pp. 57-58).

Ainda assim, perante essa crise os próprios autores indicam que as congregações religiosas têm encontrado algumas soluções fora da procura convencional de jovens para a consagração ao celibato. Algumas iniciativas recrutam profissionais leigos dentre suas obras e projetos, sendo chamados de voluntários e colaboradores, os quais se identifiquem com o carisma congregacional, passando de alguma maneira a formar das congregações. Sobre essa nova tendência Suárez alerta, num outro texto, para os efeitos que traz à própria concepção de missão e carisma das congregações a incorporação de colaboradores e voluntários, entre essas repercussões a de ressignificar a inspiração original de sua vocação, de acordo com as raízes fundacionais (2020 [a]).

As questões de *gênero e empoderamento* são que percorrem a terceira temática que percorre os quatro textos. Neste comentário o gênero é compreendido como a consolidação de um discurso que expõe o dilema da diferença, a construção de desigualdades binárias, infundadas nas diferenças naturais, fixando limites ao feminino e ao masculino, a tempo que negam construções históricas do rol cultural atribuído a ambos os sexos, o que retira a sexualidade da esfera política (Scott, 1995, p. 93). Enquanto o empoderamento feminino se

constitui de ações e atitudes que inibem o machismo e a inferiorização pelo próprio gênero, o que traça o fortalecimento da igualdade entre gêneros. Tudo isso encontra-se intimamente ligado a uma consciência coletiva por parte das mulheres (Rosado-Nunes e Carranza, 2019, p. 939).

É interessante destacar como aparecem as desigualdades binárias no próprio título do escrito de Lecaros: invisíveis mas imprescindíveis, ideia endossada por Patiño, ambas mostram como essa invisibilidade se prolonga na estrutura eclesial quando o trabalho das religiosas é valorizado, porém sua voz e voto silenciados. Situação reforçada numa marginalidade intelectual quando, em algumas congregações religiosas, se impede o acesso ao estudo sistemático da teologia, e/ou estudos universitários, o que implica também numa expropriação do saber, em geral, e o saber religioso em particular. Soma-se a essa interdição, na perspectiva bourdiana, o *habitus* da discrição como atributo espiritual que, para Lecaros, configura uma consciência feminina que aceita seu protagonismo como virtude secundária, e que em Patiño significa o empecilho para o empoderamento das religiosas. Nessa direção discricional encontra-se a reflexão teológica, feita por clérigos, sobre o gênio feminino que enaltece as virtudes da discrição, da feminilidade como uma educação para conter as emoções, exaltar o papel da maternidade biológica e o papel perfeito de mulher cuidadora, mais do que como trabalhadora. Será esse gênio feminino e as dificuldades de acesso à teologia, entre outros, que esvaziam qualquer possibilidade de empoderamento entre mulheres consagradas à vida religiosa nas congregações femininas (González, 2014, p. 125).

Entretanto, dentro de uma instituição devotada a fidelidade à igreja existem os dilemas que a emancipação pessoal suscita quando essas religiosas são empoderadas pelo exercício da liderança social e eclesial. Segundo Nunes-Rosado, tais dilemas são sinais claros de como a submissão a um controle das vontades e dos corpos, os quais são introjetados fortemente, a tal grau de invalidar qualquer empoderamento na área social. Ou quando as religiosas assumem papéis de liderança acusam sentimentos de culpa pela sensação de insubordinação que as aflige (2013, pp. 30-66). Nessa direção Patiño registra, num outro texto, como os processos formativos das futuras religiosas são decisivos para essa invalidação do empoderamento e o cultivo de sentimentos que logo se revelam em culpa (2017, pp. 128-133). Dispositivos de invalidação do empoderamento, processos formativos que incutem sentimentos de culpa marcam alguns dos parâmetros de autocontrole nas atividades pastorais dessas mulheres (Garcia e Nunes-Rosado, 2014, p. 78).

Mesmo com essas limitações, ou apesar delas, em determinadas congregações registram-se iniciativas em direção ao empoderamento que, ora com estudos sobre gênero,

ora com práticas de consciência corporal e de bem-estar, são estruturantes do próprio papel de lideranças que muitas religiosas exerceram, e exercem, no campo social e eclesial. Evidentemente que esse empoderamento não deixou, nem deixa, ilesas as estruturas eclesiais e das próprias instituições, tendo suscitado situações de confronto e desistência da vida religiosa (Nunes-Rosado, 1997; 2013). Seja talvez o empoderamento feminino um dos motivos da ausência de vocações para as congregações (Patiño, 2017; González, 2014, p. 125).

REQUINTES NA TECELAGEM: NOVIDADES DE ABORDAGEM

Vale a pena ressaltar que cada texto traz algumas novidades temáticas como: o balanço teórico em torno da construção de um campo analítico dentro do próprio catolicismo; na dinâmica das instituições de vida consagrada feminina o lugar do pentecostalismo; e na perspectiva de gênero as categorias androcentrismo tradicional e da sacramentalização da negação feminina de participar na estrutura de poder.

Os estudos realizados por Suárez e Arduini e Bittencurt direcionam-se claramente para a *formação de um campo* analítico em construção na área acadêmica. Por um lado, a constatação de serem os arquivos das congregações fontes inesgotáveis de dados para guardar a memória seletiva da vida cotidiana e institucional, seu acesso permite uma aproximação às "janelas identitárias" e à captura de como as religiosas se reconhecem perante a sociedade e entre si. Por outro lado, Suárez sugere a chave analítica de ciclo de vida, retirada das sociologias das organizações, como caminho para a compreensão das curvas vitais de fundação, expansão, estabilização, quebra e momento crítico das congregações. Por meio dessa é possível estabelecer comparações com outros bancos de dados que reúnam informações quantitativas das congregações religiosas, o que supõe um grande avanço na construção do campo. Igualmente, essa chave analítica encontra sua densidade na perspectiva weberiana, dado que remete aos processos de rotinização do carisma. A pertinência do ciclo de vida como categoria encontra seu correlato numa outra análise sobre os alinhamentos institucionais das subculturas religiosas, na sociologia da juventude. Nesse estudo, ciclo de vida ajuda compreender o percurso histórico de grupos de jovens que aderem a instituições religiosas e de como encontram ou não o sentido da vida nelas (Carranza e Sofiati, 20, pp. 347-350). Além disso, há dois dados a mais para celebrar essa construção do campo teórico sugerida por Suárez: o fato de já contar com um balance teórico da produção, até o momento

argentino, e de estar em curso uma rede de estudiosos, inicialmente congregada na I Jornadas Latinoamericanas: congregaciones religiosas femeninas (Buenos Aires, outubro, 2019).

Na *dinâmica do declínio das congregações religiosas femininas*, Lecaros faz uma associação instigante entre o avanço pentecostal, sobretudo nas periferias urbanas, e o declínio das congregações. Para autora quanto menos presença dos trabalhos sociais das religiosas, mais possibilidades do pentecostalismo tomar seu lugar. Processo que tem seu correlato no Brasil, quando 497 entidades que cuidam da recuperação de dependentes químicos, outrora nicho das congregações religiosas, e agora grande parte gerenciadas por grupos evangélico¹, receberam substanciosos subsídios do Estado com a nova política do Governo Bolsonaro². Lecaros associa a esse avanço pentecostal um outro dado: o aumento do clericalismo católico, responsável por centralizar na hierarquia as demandas da igreja e frear a participação dos leigos nas mais diversas comunidades, ademais de muitas mulheres abandonar a igreja em busca de participação entre os pentecostais.

Numa outra direção, tanto Arduini e Bittencourt como Patiño sugerem que as expressões laicais, comentadas acima, ao serem assumidas como colaboração para injetar "sangue novo" nas instituições envelhecidas, e sustentar suas obras, mostram o cese à dependência externa de missões estrangeiras. Um possível horizonte de saída a essa curva negativa, segundo os autores, pode ser a maior qualificação profissional feminina que aumente a presença social das religiosas, o que amplia o escopo de possibilidades no recrutamento vocacional.

No que se refere à *perspectiva de gênero* indentificam-se três ideias instigantes nos ensaios. A primeira trata sobre a sacralização da reserva do sacerdócio masculino, negando-se o acesso à mulher. Suárez traz uma argumentação interessante em torno das práticas sacramentais como epicentro dessa interdição. A autora argumenta que, reservados os serviços sacramentais ao sacerdócio, que na igreja católica é só masculino, garante-se só aos homens o acesso ao sagrado, consequentemente, quando vedado à mulher o sacerdócio automaticamente também é negado o acesso ao sagrado. Isto é, não apenas pela via de interdição teológica, como se viu acima, mas também agora há uma interdição simbólica. Ideia fértil que na crítica à concepção de sagrado, em Mircea Eliade, Christ questiona a construção da noção de sagrado na cultura ocidental. Para a autora sagrado é sempre

¹ Relatório completo disponível: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/20170418_nt21.pdf. Acesso: 1/05/2020.

² Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48628172>. Acesso: 1/05/2020.

referenciado e caracterizado masculinamente o que decorre na fixação de imaginários em que o homem, por ser homem biológico, tem acesso natural ao sagrado (2001, p. 573). Nessa esteira analítica, Garcia e Nunes-Rosado sugerem que a expropriação desse sagrado é também um processo de sacralização do poder. Segundo as autoras, o poder no mundo patriarcal estaria baseado na dominação e subordinação da mulher ao homem, pelo fato dessa ser mulher e dependente, daí, em termos durkheimianos, emanaria a força religiosa concentrada num polo só: os varões (2014, p. 110).

A segunda ideia caracteriza o androcentrismo institucional que, segundo Lecaros, corresponde à estrutura eclesiástica da igreja tida como machista e patriarcal. A percepção desse androcentrismo institucional encontra-se na sistemática obstaculização da mulher aos bens simbólicos como o sagrado, ora ao sacerdócio ora ao teológico, negado nos estudos sistemáticos. Esse androcentrismo institucional também será detectado na presença coadjuvante da mulher nas fundações de congregações religiosas, ou seja, quando há uma mulher ao lado de um sacerdote será ele que ganha a relevância na inspiração do carisma institucional e ela ficará relegada a segundo plano.

Sob outra perspectiva, Garcia e Rosado registram a estrutura eclesiástica como sendo androcêntrica e patriarcal ao concentrar o poder institucional nas mãos dos homens, haja vista o fato de mulheres não poderem estabelecer uma comunidade religiosa sem permissão e aprovação do clero. Segundo as autoras, isso traz consequências negativas no empoderamento feminino dentro da própria igreja (2014, p. 34). De outro modo, Ardiuni denomina de machismo estruturante o tratamento de inferiorização dado para a mulher na igreja e nas instituições religiosas, infelizmente não há espaço aqui para discutir a equivalência, mas certamente não deixam de ser categorias próximas.

FIOS SOLTOS: PERSPECTIVAS DE PESQUISA

É inegável o esforço para a *construção de um campo teórico* que vem sendo desenvolvido no projeto: “Vida religiosa inserta en medios populares. Itinerarios, debates e incidencia desde el recorrido y la experiencia de congregaciones religiosas femeninas argentinas”, alocado na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica de Argentina. Os quatro textos, aqui comentados, formam parte da primeira publicação de tal projeto, o que propicia que mais trabalhos e encontros, entre pares, possam ser desenvolvidos. Por ora, a possibilidade de consolidação de plataformas de dados quantitativos, construídas em Brasil

e Argentina, sem dúvida favorecerão a possibilidade maiores intercâmbios e cruzamentos de dados, formulação de hipóteses e desenvolvimento de outras pesquisas quantitativas a partir das informações geradas. Almeja-se que tais bancos de dados fiquem disponíveis on-line, pois será essa plataforma que favorecerá seu fácil acesso universal.

A discussão teórica de gênero nas congregações religiosas femininas, com seu duplo movimento de empoderamento e emancipação de seus membros, levanta a suspeita de que o distanciamento social das novas gerações para esse tipo de vocação está além do celibato. Isso porque existem na Igreja católica as novas comunidades carismáticas que, geralmente com perfil conservador, tem forte atrativo para a vida consagrada. É possível imaginar, portanto, que se o celibato não parece ser fator decisivo do afastamento pode ser o recorte ideológico entre conservador e progressista? Porém, o declínio é generalizado entre as congregações independente de serem conservadoras e/ou progressistas. Assim, na linha de recorte ideológico talvez existam outros fatores que não apenas os de adesão ao de conservadores e/ ou progressistas.

Almeja-se que mais pesquisas quantitativas e qualitativas sejam feitas para que, como fios de uma tessitura analítica, levem em conta as mudanças internas que as congregações religiosas femininas fazem na procura de voluntários e colaboradores. Fios soltos que precisam ser amarrados nas respostas a questionamentos como: será que esses novos membros incorporados nas congregações religiosas femininas trazem outras chaves interpretativas que ajudem a compreender as reais razões do seu declínio? São eles os que configuram um possível ressurgir da presença feminina na sociedade e na Igreja? Certamente, poderão ser uma outra presença social e religiosa reinventando o feminino no fio trêmulo em que rola o coração das congregações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arduini, G. R. (2017). Igreja católica e suas instituições de ensino superior. *Proposições* 28(3), 60-82. Disponible en:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720170003&lng=en&nrm=iso.
- Bittencourt, A. B. (2017). Apresentação, *Proposições* 28(3), 12-28. Disponible en:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0103-730720170003&lng=en&nrm=iso.

- Bassini, M. (2017). Entre discursos e representações: Uma leitura da participação religiosa das mulheres nas comunidades eclesiais de base no Brasil, 1960-1980. *Revista Aulas* 4, 1-23.
- Bidigain, A.M. (2014). Una historia silenciada, no reconocida, ignorada, ocultada, invisibilizada: la vida religiosa femenina en la historia brasileña e hispanoamericana. *Rever* 14(2), 14-73.
- Christ, C. P. (2001). *Mircea Eliade and the feminist paradigm Shift*. En Juschka, Darlene M. (Ed.), *Feminism in the Study of Religion: A Reader* (pp. 571-590). Continuum.
- Carranza, B. y Sofiati, F. M. (2015). Primavera em questão: novas comunidades. En L. C. Susin (Org.), *Vida religiosa consagrada em processo de transformação* (pp. 57-79). Paulinas.
- Carranza, B. y Sofiati, F. M. (2018). Culturas juvenis católicas: aproximações teóricas às performances institucionalizadas. *Interseções - Revista de Estudos Interdisciplinares* 20, 330-350.
- Cubas, C. J. (2015). Freiras em movimentos de resistência às ditaduras militares na América Latina. *Revista Eletrônica da ANPHLAC* 18, 139-161.
- Deuncio, A. (2019). De la Congregación a la Fraternidad Misionera: las ‘Religiosas del Huerto’ en el post concilio. *Sociedad y Religión XXIX*(52), 97-120.
- Fernandes, S. R. A. (2014). Novas comunidades religiosas e o feminino – mudanças em curso e retraditionalização. *REVER* 14(2), 136 - 161.
- Garcia, M. V. y Rosado-Nunes, M. J. (2014). Liberdade em Clausura. *REVER* 14(2), 74 - 113.
- Gebara, I. (2000). *Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal*. Vozes.
- González, M. E. G. (2014). Trajetórias e passagens na vida religiosa feminina. *REVER* 14(2), 116-135.
- Hervieu-Léger, D. O. (2008). *Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Vozes.
- Lecaros, V. (2017). Religiosas invisibles? Reflexiones sobre las religiosas católicas latinoamericanas a partir del caso peruano. *Mandrágora* 23(1), 5-3.
- Patiño, M. E. (2017). *Religiosas católicas en la ciudad de Aguascalientes: una mirada sociocultural desde los relatos de vida*. Universidad Autónoma de Aguascalientes.
- Rosado-Nunes, M. J. y Carranza, B. (1997). Freiras no Brasil. En Del Priore, M., *História das Mulheres no Brasil* (pp. 482-509). Contexto.
- Rosado-Nunes, M. J. y Carranza, B. (2013). Catholicism, and feminism in Brazil - a curious alliance. *Kvinner Sammen* 3, 30-36.

- Rosado-Nunes, M. J. y Carranza, B. (2019). Fim de uma ordem: natureza, lei divina, feminismo. *Horizonte* 17(53), 936-964.
- Suárez, A. L. (2020a). Congregaciones religiosas de la Iglesia católica en Argentina. Características y flujos. *Población & Sociedad* 27(1), 138-165. <http://dx.doi.org/10.19137/pys-2020-270106>.
- Suárez, A. L. (2020b). Congregaciones religiosas femeninas en Argentina que hicieron la opción por la inserción. Balances y desafíos. *Sociedad & Religión* 53.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade* 20(2), 71-99.
- Tamez, E. (1986). *Teólogos de la liberación hablan sobre la mujer*. Entrevistas.